

## Residências

### «O que é importante é mudar»

Jorge Cruz

#### ● **Ao deslocar-se à Alemanha o que tinha em vista? Atingiu esse(s) objectivo(s)? O que resultou em concreto da sua residência?**

● Quando parto para qualquer residência procuro cumprir com os pressupostos expressos no projecto apresentado às entidades que me apoiam, que se prendem essencialmente com as condições de trabalho ou com garantias de exibição do resultado da residência.

Conseguir trabalhar num local interessante com os recursos e condições necessárias e onde me sinta bem para realizar uma consistente série obras e conseguir expô-las nesse próprio contexto, são os objectivos principais.

Posso dizer que na residência de Bad Arolsen, esses objectivos foram atingidos. O meu projecto inicial consistia em trabalhar num local isolado a 80 km de Kassel, trabalhar somente com tintas e materiais reciclados e recolhidos no próprio local e tentar expor o resultado da residência.

Tive a sorte que durante o mesmo período estava a decorrer na mesma cidade a *Documenta* (que se realiza de cinco em cinco anos), uma das maiores feiras de arte do mundo e foi muito positivo conseguir expor o resultado do meu trabalho numa das muitas exposições “satélite” da feira. O número de visitantes à exposição foi uma surpresa bem como a atenção da imprensa.

Por estas razões, considero esta residência representou mais um incremento importante no meu percurso artístico.

O que resultou em concreto, em termos de produção, foram uma serie de 30 desenhos em papel e uma instalação no local de exposição. O resultado desta residência e de outras, pode ser consultado on-line em: <http://www.blogfoleo.blogspot.com>.

#### ● **A mudança de espaço é importante por si, pelo espaço que é, pelo diferente ambiente (cultural, estético, social?), ou pelas pessoas que se contacta / encontra (outros artistas plásticos, curadores, críticos de arte, outros públicos)?**

● Essencialmente o que é importante é mudar, mudar de hábitos, de rotinas de local de trabalho, de clima, etc. Esse sentimento de “desnorte” característico de quando chegamos a local desconhecido, sem referências e certezas é essencial ao meu processo criativo.

A mudança de espaço na minha carreira começou por ser uma necessidade de condições de trabalho. Morei em Lisboa durante vários anos e nunca tive um atelier fixo e o meu espaço de trabalho era pequeno e pouco adequado aos meus planos; daí comecei a viajar e integrar nas minhas viagens a possibilidade de poder temporariamente pintar ou desenhar enquanto viajava. Percebendo que existem vantagens neste método de trabalho, comecei a ver as minhas viagens como projectos de residência artística mais focada nos resultados.

A mudança de espaço permite-me desenvolver um trabalho de investigação de vertente multicultural sobre as várias linguagens e suportes artísticos, pretendendo

centrar o meu processo de trabalho na investigação e experimentação de materiais autóctones.

O contacto com estéticas de outras culturas e o trabalho exclusivo com materiais locais servem-me de base para o desenvolvimento da matéria plástica que me proponho trabalhar e investigar em cada projecto de residência artística.

O conceito de mobilidade e deslocação está desde o início presente; o projecto começa na deslocalização do espaço de trabalho para uma determinada região do mundo seguida de um trabalho de adaptação e pesquisa de materiais, técnicas e suportes oriundos da região. Nunca são trazidos materiais para o lugar de residência, todos os materiais e suportes são adquiridos no local.

Tento contar sempre com a colaboração de artistas ou artesãos nativos, tanto na construção das telas ou suportes como na pesquisa de tintas, pigmentos ou materiais outros; segue-se depois um período de trabalho exaustivo e o consequente transporte de volta para Portugal onde são expostos ou apresentados, quando não existe possibilidade de os expor no próprio local. Esta preocupação tem sido cada vez mais intensa, considerando que é importante fechar o ciclo expondo o resultado da residência no próprio local, também para fomentar o diálogo com artistas e o encontro de novos públicos.

**● As residências artísticas fazem sentido num mundo globalizado, em que o acesso à informação e às pessoas se encontra extremamente facilitado por outros meios que não a presença física?**

● Essa é uma excelente questão! Eu acho que sim, fazem cada vez mais sentido neste tipo de organização global. Se o acesso à informação nos desse tudo o que precisássemos estaríamos todos agarrados à televisão ou ao computador e não sairíamos de casa. É verdade que o acesso à informação está facilitado, mas que tipo de informação? Entendo que tudo o que temos disponível através de um clique no computador é uma imagem, nem sempre exacta do mundo em que vivemos, é sempre filtrado através de pontos de vista ou de preconceitos.

O processo em cada Residência Artística deve ser um processo de assimilação, trilhado e inspirado na experiência directa com as pessoas, com os locais, é aí que reside a assimilação essencial em qualquer processo criativo. Julgo que esse sentimento está bastante patente nos meus trabalhos em residência. E a isso a globalização ainda não deu uma resposta eficiente. É essa diversidade exuberante que são as experiências vivenciais e tudo o que apreendemos com elas, que eu gosto de chamar Criação. A vida não faz sentido sem isso.

**● Para além desta residência na Alemanha, já teve outras experiências de residência artística. Que diferenças para a de Bad Arolsen?**

● Desde há 3 anos que tenho executado projectos de residência artística de forma sustentada e procurado apoios para as realizar. Antes disso pintava e desenhava também durante as minhas viagens mas de forma menos consciente e sistemática. A diferença entre todas as residências nas quais participei e Bad Arolsen foi essencialmente a preocupação com os resultados dentro do tempo que tinha disponível, que eram 40 dias. Sabia que tinha possibilidades de expor dentro desse período, por isso tinha de ser rápido. Nunca tinha acontecido nas outras residências, onde o tempo nunca foi uma condicionante.

Além do tempo a grande diferença foi o ambiente de trabalho. É completamente diferente a minha atitude quando trabalho no sul da Índia com artistas locais de pinturas de cartazes de Bollyhood ou se pinto num terraço de uma pensão em Marrocos ou no Alentejo.

Na Índia 2006 privilegiei os materiais locais de pintura, investigando um tema pelo qual me interessa bastante, que são os cultos e práticas religiosas; Não existe sítio no mundo melhor para trabalhar esse tema que a Índia.

Em Marrocos sou influenciado imenso pelo espaço físico, como em todas as residências. Mas em Marrocos tenho um espaço ínfimo para trabalhar, num terraço com 4 metros por 1, e isso teve um reflexo nas obras produzidas que foram de menor dimensão. Sempre que lá vou redescubro o prazer de pintar em pequeno formato.

Em Bad Arolsen trabalhei numa tenda no meio de um prado, estive completamente isolado, ou melhor, sem diálogo artístico, visto que estava rodeado de agricultores que nunca chegaram a perceber bem o que eu estava ali a fazer, mas que me acolheram da melhor maneira e de uma forma muito calorosa.

Todas as residências são diferentes porque os locais, as pessoas e eu próprio sou diferente de residência para residência.